



Sociedade elegante do Porto: A Sr.^a D. Celeste Ferreira Gonçalves
 (Cliché Alvão, Porto)

Segunda série—N.^o 463

Ilustração Portuguesa

Lisboa, 4 de Janeiro de 1915

Director: J. J. DA SILVA GRAÇA
 Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, L.^{DA}
 Editor: José Joubert Chaves

ASSINATURA PARA PORTUGAL, COLONIAS
 PORTUGUEZAS E HESPAÑHA:

Redacção, administração, offic. de composição
 e impressão: RUA DO SECULO, 43

Edição semanal do jornal
O SECULO

Trimestre... 1820 cent.
 Semestre... 2840
 Ano..... 4880 ; Numero avulso
 10 centavos

Agencia da ILUSTRACÃO PORTUGUEZA em Paris, rue des Capucines, 8

Companhia do Papel do Prado

SOCIEDADE ANÓNIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA

Sobreirinho (Thomar), Penedo e Casal d'Hermio (Louzã), Vale Maior (Alcargaria-a-Velha). Instaladas para produção anual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escripta, de impressão e de ombrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiais de qualquer qualidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.—*Escritorios e depositos:*

LISBOA—270, Rua da Princesa, 276 PORTO—49, Rua de Passos Manoel, 51

Endereço telegraphico em Lisboa e Porto: **Companhia Prado.**
Numero telefonico: **Lisboa, 605—Porto, 117**

CAPITAL

| | |
|---|--------------|
| Ações..... | 360.000\$000 |
| Obrigações..... | 323.910\$000 |
| Fundos de reserva e de amortisação..... | 266.400\$000 |
| Réis..... | 950.310\$000 |

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Mariannaia e



Inglez pratico

O NOVO METODO
Inglez em 15 dias

sem livros, sem estudo, com pronunciaçao figurada e conversação, por Mr. F. ALEXANDER, of London. Vendem-se fôrmas separadas a 50 réis. Curso completo 300 réis. Propriedade do autor. Pelo correio 320 réis fortes. Remete-se a quem enviar esta importancia em vale do correio a Mr. F. Alexander.

95, Rua Nova do Almada, s/l. D.
LISBOA

Perfumaria
Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141
TELEPHONE Nº 2777-LISBOA

Lizella
O MELHOR SABONETE

REMEDIO FRANCÊS

Em todas as farmacias ou no Deposito Geral, J. DELIGANT, 15, rua dos Sapateiros, LISBOA. Frasco de porta com 2 Frascos.

FOTOGRAFIA

Reutlinger

A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS

21, Boulevard Montmartre — PARIS

TELEPHONE: Gutenberg 42-09

ASCENSOR

PARA ENCADERNAR A

“Ilustração Portuguesa”

Estão á venda bonitas capas em porcelline de fantasia para encadernar o **PRIMEIRO SEMESTRE de 1914**, da *Ilustração Portuguesa*. Desenho novo de ottimo effeito.

PREÇO: 360 réis

Tambem ha, ao mesmo preço, capas para os semestres anteriores. Envia-m-se para qualquer ponto a quem as requisitar. A importancia pôde ser remittida em vale do correio ou selos em carta registada. Cada capa vae acompanhada do indice e frontespicio respectivo.

ADMINISTRAÇÃO DO «SEculo»

Rua do Seculo, 43—LISBOA

O Seculo Agricola

SEMANARIO ILUSTRADO de ensino pratico de agricultura, jardinagem, creação de animaes, etc.

PREÇO, 20 RÉIS CADA NUMERO

Resposta a consultas; prestação de serviços technicos: analyses e informações.

POR ASSINATURA: Trimestre, 25 centavos

A MAIS BARATA PUBLICAÇÃO DO GENERO

1915

Um ano novo é um acontecimento que se dá, como diria o nosso amigo Banana, pelo menos, todos os anos. E, no entanto, ninguém vê aproximar-se a última badalada da meia noite de 31 de dezembro, sem uma pequena e inquietante emoção — a emoção com que se caminha para a interrogação e para o desconhecido. 1914 já lá vai. 1915 tomou conta dos nossos destinos — e quem sabe para que doces, torturados ou incertos dias a sua mão implacável nos conduz? Seja como for, saudemos 1915. Que a sua missão, entre a Humanidade, seja uma missão de Paz e a História inscreverá a sua data em números d'ouro. — Amigo 1915, has-de, bem sei, ser desagradável a alguém, porque, n'este mundo transitório, ninguém, nem mesmo o sr. Bernardino Machado, consegue agradar a toda a gente. Mas vê se nos li-



bras depressa do Kaiser e do frio — que de assistires á união e concordia entre os politicos portuguezes te livro eu!

Jogo da guerra

Dizem os jornaes que se vende nas livrarias e outros estabelecimentos este novo jogo das familias, que, ás complicações dramaticas do quimo, alia a vasta tatica do dominó. A imaginação humana, ó Deuses!, é inexgotavel. Em vez do jogo das damas, que fazia o delirio dos comandadores, pôde agora qualquer pessoa, por uma insignificancia, ter as trincheiras das Flandres na sua sala de jantar e tomar Paris e Calais com uma facilidade que Guilher-



me II perpetuamente invejará. Sei d'um idoso e circumspecto amigo meu que, na companhia da sua respeitavel esposa e do seu respeitavel e matismoso, mercê d'este pitoresco jogo, só n'uma noite invadiu a Grã-Bretanha por dois lados — e isto entre uma chicara de chá preto e um prato de torradas. Quando o Kaiser souber d'esta façanha, manda a Cruz de Ferro ao meu amigo que, em casa, já é conhecido pelo marechal e se gaba, o estrategico, de que não tomou Cracovia n'aquela mesma noite por ser já bastante tarde e não poder, no dia seguinte, faltar á repartição.

Os sexos

A policia prendeu ha dias, na rua da Palma, um

homem vestido de mulher e, levando-o para uma quadrada, obrigou-o a despir as saias e a sair para a



rua com as calças do seu sexo. As liberdades humanas estão ainda em consideravel atroz. Garantidas a liberdade de pensamento, a liberdade de crencas e a liberdade de reunião, não vejo motivo poderoso para que não se garanta igualmente a liberdade dos sexos. Em nome de que principios se obriga o cavalheiro da rua da Palma a ser homem e a vestir no Amieiro, quando todas as suas tendencias são para as rendas e para vestir na M.ª Matta, como a sr.ª D. Palmira Bastos? Que a Natureza imponha certos attributos aos dois sexos, vá — tanto mais que nem sempre os impõe com sufficiente clareza. Mas que a policia lhes imponha um figurino, é que não se compreende bem, em boa democracia. Porque, afinal, este criterio de dividir inflexivelmente a humanidade em duas castas — a das calças e a das saias — é um criterio demasiado simplista, como ainda ha dias provou a Maria Rapaz e, se o cavalheiro da Rua da Palma quer usar espartilho e *aigrette*, não vejo razão para nos assustarmos. Isto das modas, afinal é tão contingente! As mulhezes já estiveram, ha dois anos, para usar calções — e ninguém nos garante que Paris não imponha amanhã aos barbados o uso da nova saia-sino e os lindos decotes da sr.ª D. Pilar Monteiro.

A montanha

A serra do Caramulo vae ter um sanatorio que se denominará «Bom Repouso» e ostantará, como divisa, este conceito subtil: «a montanha faz o homem: a cidade consome-o». Sem querer competir com a filosofia d'aquella personagem de certa comédia agora em voga, que lamentava que as cidades não fossem todas construídas no campo, direi que Portugal em pezo, apagadas as emoções d'esta hora grave, precisa de passar por este sanatorio. Ha meia duzia d'anos, o portuguez detestava as arvores e ainda hoje não ama a solidão fecunda da Natureza. O portuguez ignora as colinas do seu paiz, as neves e as manhãs dos seus horisontes luminosos, a lição das suas vastas paisagens, onde a vida floresce, aspera e fertile. O portuguez é um intoxicado pela cidade — em tudo o que a palavra cidade signi-



fica de burocracia, de ceticismo, de carta de namoro e de ar impuro. A Suissa, nobre e pacifica, laboriosa e viril, fez-se nas suas montanhas claras, entre o gelo e o ceu. Amigos! Crie-mos em Portugal, não apenas casas de saude, mas tambem, em plenos montes, sanatorios para consciencias! A montanha ensina-nos a viver — e a ser fortes. A montanha é bela e profunda, como o mar: ensina-nos a paz e o amor. Façam grande o sanatorio do Caramulo e ponham lá dentro, pelo menos, Lisboa — a respirar e a meditar.

PROMESSA



ESQUECIDA

—Maria Rosa, és tu capaz de me conservares a fé jurada até que eu possa arranjar alguns meios de fortuna?— perguntava, com um grande brilho nos olhos, o Tomé da Moleira á namorada.

—Sou. Olha bem p'ra mim! Esta boca nunca mentiu... Sou! Guardar-te-hei fidelidade, pela minha salvação t'ó juro.

—Vê lá bem a promessa que me fazes. Olha que eu sou homem para te pedir contas d'ela d'aqui a muitos anos!... Agora se não podes esperar-me, o caso é outro. Dizes-m'ó com franqueza e cada um de nós irá pelo seu caminho á ventura de Deus!

—Acredita-me e tem confiança em mim! Emquanto fôr viva, hei de esperar-te. Digo-t'ó com o coração nas mãos.

—Então, abençoada sejas tu pela alegria que me dá, e espera-me.

—Que vaes fazer?

—Não sei. Mas sairei da terra, partirei para longe, para qualquer parte onde possa ganhar o puñhado de ouro que teu pae põe como condição para te deixar casar com o pobretana! Hei de escrever-te. Conhecerás o meu paradeiro... E, agora, adeus até mais vêr.

—Adeus!—murmurou Maria Rosa com uma ternura na voz e o olhar enevoado de lagrimas.

Na escuridão da noite que arfava sob o céu estrelado, arrullhou um beijo e soou um fundo soluço.

Tomé deixou a passos lentos o muro do quinteiro onde esteve falando com a conversa. Já, atirou o pau de choupo para o hombro e meteu afoitamente pela azinha que fugia entre duas erriçadas sebes em que as espinhosas em flor ramalhavam ao vento frio. O coração apertava-se-lhe de dôr, por aquela ausencia forçada, que seria tão longa e talvez infeliz.

Mas era necessario! O pae de Maria Rosa, o velho Silvestre, lavrador abastado que pelo S. Miguel colhia em terras suas muitos moios de milho e de feijão, e em vinhedos e oliveas, que lhe pertenciam, muitos toneis de vinho e cascos de azeite, nunca lhe daria a filha, cubiçada por tantos rapazes ricos e que, por uma doce sympathia de alma se inclinara para a sua pobreza, desde certa desfolhada em que, ao luar, ambos tinham cantado ao desafio. O Silvestre soubera do derricho, que começara entre ilusões e ansiedades, e nada dissera, mesmo quando viu o Tomé rondando-lhe a porta, pelas suaves tardes dominicias, de cigarro no labio carnudo e manganção na orelha.

—Passatempos!—murmurou ele com um riso atá-

vel. A mocidade tem de pagar o seu tributo. Que a rapariga se divirta!...

Como um devaneio sem consequências, acitava o namoro de Maria Rosa. Mas só isto. Que lá para genro não queria o Tomé da Moleira, pobre

diabo que não tinha onde cair morto e apenas sabia tanger viola na perfeição. O marido de sua filha—a quem daria um grande dote—havia de ter tanto como ela, campos de cultivo, bouças de pinheiras, souts de castanheiros, encostas cheias de sol plantadas a bacelos, vergeis e pomares onde, pelo outono, amadurecesse a fruta dourada. As duas fazendas, unidas, formariam a maior casa da povoação.

—Isto é que é direito. E leve o diabo paixões, mais quem com elas engorda!...

O Silvestre, quando se casou, tratou de procurar companhia que o equalasse nos haveres. Escutára a voz do coração e a voz do interesse, e, graças ao céu, fôra imensamente feliz até ao momento em que uma febre malina lhe matou a mulher em tres dias.

—Lar onde não ha pão, todos ralham e ninguem tem razão!—costumava ele dizer.

No seu, existira sempre a abundancia, e por isso mesmo a vida, lá dentro, desliziara sem um sobresalto. Aludia a estas coisas, intencionalmente, a Maria Rosa, que já andava de conversa pegada com o Tomé, para a desviar sem violencia de um caminho que não era do seu agrado, e a filha, còrada como



a flor das romanzeiras, atalhava com timidez:

— Senhor pae, não é o dinheiro que dá a ventura.

— E' então a fome?

— Sim, a fome tambem não é lá muito de desejar. Mas tendo uma pessoa o preciso para viver sem vergonha do mundo...

— Não digas tolices! Eu sou mais velho do que

tu e conheço melhor isto por cá! — respondia ele, carrancudo.

A' noite, quando Tomé se encontrava, ás escondidas, com ela, depois de terminada a labuta do trabalho, Maria Rosa, com fundos suspiros, narrava-lhe estes propositos do pae, exclamando:

— Creio bem que ele nunca nos dará o seu contentimento!

— Quer não, mulher, que a terra fez-se para os homens. Tenho coragem para ganhar um par de moedas. Tu verás!

— Como?

— Trabalhando, ora essa!... Tu verás! — repetia o Tomé convictamente.

Durante um d'estes dialogos, quebrados apêns peos rouxinoes que cantavam nos canaviaes, quando a lua subia n'um ceu de gloria, Tomé foi, de repente, assaltado pela idéa de ir para o Brazil. Contavam-lhe maravilhas d'esse distante paiz, que ficava para além das salgadas aguas do mar, os que á aldeia voltavam enriquecidos, com grossas cadeias de ouro brilhando sobre os coletes, e muitas libras no bolso. Tomé tinha-os visto sair do logarejo com sacos de chita ás costas, amarelos, tremendo sezões, e anos volvidos assistira ao seu regresso triumphal, em *char-à-bancs*, e com enormes baús de couro, sádios, rijos, prosperos, comprando quintas e fazendo *chatelets*. Porque não havia e'e de tentar tambem a sorte?

quando sobre as ondas, o vapor talhava sulcos luminosos ao lume d'agua e arquejava ao arfar das caldeiras.

Quando teve conhecimento da partida de Tomé, o velho Silvestre, piscando os olhos com ironia, esfregava as mãos de contente, murmurando:

— Não o dizia eu? A cachopa enfatiou-se da brincadeira e acabou com ela...

Lentamente passaram os mezes, os anos. Maria Rosa trazia uma sombra no rosto e o pae corcovava mais. Um e outro, no inverno, emquanto os criados ceifavam pelas veigas o pasto para os gados que mugiam nos curraes, saudosos das verdes pradarias e das altas luzernas, aninhavam-se ao canto da lareira, entregando-se a conversas sem fim. Foi por uma d'estas horas de desalento e de tristeza que Silvestre, espertando com um tição o brazido do borralho, disse para a filha:

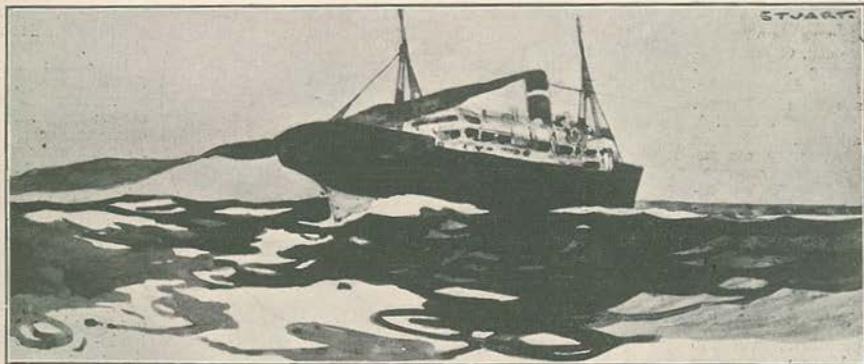
— Ouve lá... Ando ha muito para te falar n'isto e chegou agora a occasião... Ouve lá.

— Que quer dizer-me, senhor pae?

— Não tenho mais ninguém no mundo senão a ti. Ora, sinto-me envelhecer. Isto está por pouco...

— Não diga essas coisas, que me agonia! Não as diga, pelo amor de Deus!

— Preciso dizer-t'as. Para morrer, basta só estar vivo. E' necessario um homem forte e novo n'esta casa. Tu já pensaste em casar-te?



Uma duvida apenas o pungia e exacerbava o seu sofrimento. Seria Maria Rosa capaz de esperar por ele? Resistiria ás seduções dos que a requestavam e que não podiam levar á conta o seu desvario com um simples jornaleiro que alugava diariamente a sua atividade e os seus braços aos proprietarios agricolas? Para saber isso é que Tomé, n'essa noite, lhe fôra falar ao muro do quinteiro: — e agora, experimentava um fundo contentamento de espirito.

Emquanto se dirigia ao pardiêiro, ia pensando, sonhando, na bela surpresa que mais tarde fariã a Silvestre, entrando-lhe pela porta dentro, muito, arrogante e orgulhoso, a pedir-lhe a mão da filha. O velho, de certo, aludiria ao dote, e ele com um riso de altivez, bradarã:

— Eu não quero nada do que é seu! Não venho pedir-lhe a fortuna, homem. Guarde-a. Para mim e para ela, tenho de sobra!

Seria esta a sua vingança! Ia custar-lhe muito não ver Maria Rosa durante tanto tempo. Mas a fixa promessa de constancia que ela lhe fizera dar-lhe-ia confiança e consolação e comunicaria um encanto novo — o encanto da esperança — ao seu incessante mourear para adquirir muitos centos de mil réis.

No primeiro paquete que de Lisboa largou para o Brazil, o Tomé seguiu o seu destino, taciturno, com um nó na garganta e uma escuridão no peito.

— Não sei o que adivinho! — monologava ele, já

— Já pensei e não me caso. Estôu assim muito bem, em sua companhia.

— Pois tens de casar-te, mulher. Estás na idade. Quero que esta cabana se alegre.

— Mas, senhor pae...

— Não ha aqui mas nem meio mas?!... Mando eu, tens que obedecer.

— Eu obedecerei em tudo, porque sou boa filha. N'isso, porém, não obedeco, porque me não quero casar!... — exclamou Maria Rosa com firmeza.

— Bem sei, bem sei! E' o outro, o Tomé, que anda a dar-te volta ao miolo! — retorquiu Silvestre, de má sombra. Mas estas servidos! O que é meu, é meu. Calaceiros que me comam aquilo que tenho, nem raça. Leva-os o diabo!

E encarando em Maria Rosa, de turva catadura: — Cria um pae uma filha com tanto custo, para isto... Não sei onde estou, que te não quebro um braço!

— Farã como entender! — gritou ella, amuando.

— Cala o bico! Não me tentes!...

Erguendo-se de salto, carregou o chapéu sobre o rosto e foi para o pateo, rosnando:

— Deixa estar... Que isto até ao flavar dos cestos é vindima!...

Maria Rosa ficou passada de terror, encolhendose mais contra a parede e sem pinga de sangue no rosto. A razão acusava-a de causar sofrimento ao

pae, que tanto lhe queria, agora que ele estava velho e que não desejava morrer, sem a deixar amparada: mas o Tomé, do Brazil, escrevia-lhe constantemente, lembrando-lhe: — «Maria Rosa, recorda-te! Tu prometeste, Maria Rosa e eu hei-de pedir-te o cumprimento da promessa» Ela dá a sua palavra. Havia de conservá-la, lealmente! Estava resolvida. Um dia de manhã, porém, Silvestre chamou-a ao quarto, para lhe dizer que não podia respirar, com uma pontada do lado direito.

—Vae chamar um medico rapariga, que isto está mau.

—Mas que foi, senhor pae? Isso que foi?

—Sei lá! E' a doença... E' talvez a morte!

—Não ha de ser nada, se Deus quiser!

—Vae!..

Maria Rosa mandou á vila proxima á procura do medico, que não tardou, diagnosticando logo um caso grave.

—Coisa de cuidado, senhor doutor?—inquiriu Maria Rosa, com os olhos vermelhos de chorar e enxugando as lagrimas á ponta do avental.

—De muito cuidado!—disse ele, seccamente.

—Receitou, fez recomendações: mas os remedios não aliviaram o enfermo, que ardia em febre e delirava, ajudando constantemente á rebeldia da filha e pedindo para ela o castigo do céu. O mal agravou-se consecutivamente, e o medico desenganou Maria Rosa.

—Não escapa!—afirmou.

Avisou-se um padre para trazer os sacramentos ao enfermo, que ainda poudo confessar-se. Quando o sacerdote deixou a granja Silvestre parecia sofrer menos. Voltara-lhe a lucidez. Pousando os olhos na filha, que se pranteava, invocando a Virgem Santissima e abafando a cara na roupa do leito, Silvestre disse, com voz debil:

—Maria Rosa, estás sem pae e ficas sem ninguem de familia.

—Olhe que me mata!... socegue, que ha de melhorar.

—Não! Sinto a morte. Está á minha beira!...

—Mei Deus, valei-me!...

—Em pequenina, trouxe-te nos braços, porque bem cedo ficaste sem mãe!... Fui sempre muito teu amigo...

—Não fale tanto para se não cançar...

—Deixa-me falar. Faz-me bem!

—A face do doente cobria-se d'um suor frio e os seus olhos perdiam o brilho.

—Maria Rosa, n'esta hora derradeira, quero pedir-te uma coisa... Estou a morrer. E ás pessoas que vão abandonar o mundo, nada se nega.

—Que é que quer pedir-me, senhor pae?

—Promete, primeiro, que me atendes. Lembra-te que será a ultima vez que te faço um pedido.

—Prometo!—clamou ella.

—Dá cá a tua mão... Assim!... Tenho tanta pena de deixar-te, minha filha! Levo-te para a cova atravessada na garganta... E agora ouve:—Diz-me, que casarás com o Francisco, o filho do Anastacio, que te quer!

Maria Rosa foi sacudida por um estremecimento. Ergueu-se, muito palida, gaguejando e hesitando.

—Ainda agora prometeste! Olha o pecado que cometes de mentir a um moribundo!

—Pois casarei, senhor pae!—murmurou quasi sem alento, abaten-do-se contra a cama.

—Abençoada sejas, por esta alegria que me dá!

Silvestre morreu, efectivamente, no dia seguinte e seis mezes depois do enterro, Maria Rosa estava casada com Francisco. Mas não tornára a rir! A tristeza envelhecia-a precocemente. Tomé nunca mais lhe escreverá, desde que ella lhe contria a cena dramatica com o pae, á hora da morte. «Que havia eu de fazer, Tomé? Peço-te perdão, e tu que és bom perdoaras.» O marido, estranhando-lhe a melancolia, ella que fóra a rapariga mais jovial da povoação, perguntava-lhe a cada instante:

—Maria Rosa, tu que tens?

—Eu?—exclamava ella. Nada. Que me encontras?

—Desconheço-te! Não és feliz?

—Sou! Nada peço.

Perseguiam-n'a remorsos! Por amor d'ella, andava lá por longe alguém que muito amára, lidando ativamente para vir colher em sua boca virginal o beijo de nupcias prometido. A tão grande adoração, respondera Maria Rosa traindo o juramento feito. Como não havia de puni-la Deus? Mas ia vivendo, teve filhos, a sua riqueza todos os dias aumentava. Com o tempo amagoa foi-se diluindo no seu sentimento. Estava, quasi esquecida e resignada.

Um domingo, voltava só da igreja, que ficava a curta distancia da aldeia. Para encurtar o caminho, rompera através de atalhos que cortavam por pinhaes ermos. Inesperadamente, n'um sitio onde o malagal era mais fechado e temeroso, um homem, magro e esfarrapado, ergueu-se deante d'ella, cruzando os braços e fitando-o com olhar doloroso:

—Ai! minha Mãe Santissima, que elle é o Tomé!

—bradou Maria Rosa, livida, e parando de chofre.

—E' verdade. Sou eu. Quem se quer bem, sempre se encontra!...

Ella olhava-o, aterrada, n'uma tremura, com medo de que Tomé a matasse ali, n'aquelle sitio deserto.

—Tu bem sabes!... Eu já te contei... Não tive culpa!

—Socega. Não te farei mal. Fiz-me encontrado contigo n'este ponto, para te dizer que te não pedirei contas...

—Pois se sabes como as coisas se passaram!... Olha que nunca te esqueci!

—E sabes porque te não faço mal, Maria Rosa? E' porque voltei do Brazil mais pobre do que para lá fui. Não arranjei o dinheiro que queria, não podiamos casar.

—Que me importava a mim o dinheiro!...—respondia ella já mais animada.

—Se o tivessees arranjado, e tu viesses a casar com outro, assim me Deus salve em como te tirava agora a vida!...

Maria Rosa recuou, apavorada, estendendo as mãos n'uma supplica.

—Vae, vae! Eu sou desgraçado, e conservei-me fiel. Tu fizeste uma traição, e deves ser feliz. Segue o teu rumo, que eu tambem hei-de seguir o meu, até morrer. E a morte já tarda!...



Agostinho Franco

Censo da População
Portugal

COMERCIO E NAVEGAÇÃO
ESTATISTICA ESPECIAL



Não havia em Lisboa quem não conhecesse Agostinho Franco como um dos nossos mais talentosos amadores de musica e um autorisado critico musical. Os acordes do seu violoncelo eram sempre ouvidos com verdadeiro encanto, quer nos salões particulares em que ele tantas vezes se associou a festas d'arte, quer em concertos publicos, a cujos convites nunca faltou, tratando-se sobretudo de fins humanitarios.

Durante trinta anos fez musica de camara com os nossos amadores mais distintos, entre os quaes se con-

apreciadissimos como verdadeiros talentos musicaes, occupando alguns no nosso Conservatorio logares de professores preeminentes.

Agostinho Franco não cultivava apenas a musica; fazia um verdadeiro sacerdocio da propaganda do seu ensino, que elle desejava ver generalisado á familia, á

tam os srs. José Relvas, dr. João d'Horth, Michel-Angelo Lambertini, José da Costa Carneiro, dr. Esteves Lisboa, coronel Ferreira, José Lamas, Gerschey, etc., todos eles figuras de destaque na nossa primeira sociedade e por ella



1. Agostinho Francisco n'uma das secções da sua repartição com algumas empregadas.—(Clichê Blenliel). 2. Grupo oferecido a Gervasio Lobato na noite da 15.ª representação do Commissario de Policia, no Ginasio. 1.º Plano da esquerda para a direita: srs. Jaime Vitor, Lopes de Mendonça, D. João da Camara, Caetano Alberto, Rafael Bordalo Pinheiro e D. José da Camara. 2.º plano, tambem da esquerda para a direita, srs. Eça Leal, Lorrjó Tavares, Agostinho Franco, Eduardo Schwalbach, ator Augusto Melo, C. Ribeiro da Silva, dr. Pedroso de Lima, Moura Cabral, Acacii Antunes e Augusto Lobato.—(Clichê Bobone).

escola e a todas as agremiações que tivessem por lema instruir-se e deleitar-se. Falando e escrevendo, não perdia o menor ensejo de pugnar com calor por esse ideal. Ninguém como ele sabia animar os principiantes



e orientar os que faziam já carreira pela arte. As suas críticas durante tantos anos publicadas no *Seculo* eram sempre sinceras, desapassionadas e proveitosas.

A «Academia de Amadores de Musica», de que ele foi socio fundador, n.º 1, e diretor, veio realizar o seu plano de facilitar a cidade de Lisboa o ensino da musica, por excelentes professores, constituindo um ótimo centro de propaganda pelos seus brilhantes resultados.

ras e preocupações mal se lhe adivinhavam no aspeto desanuviado, com que ele assistia a festas musicas ou n'elas tomava parte. Desde que entrou para a vida publica, em 1 de novembro de 1878, começou logo a dedicar-se a trabalhos estatísticos. O dr. Pedro Augusto de Carvalho, então diretor geral das contribuições directas, homem de vistas seguras e de grande prestigio, escolheu-o para seu secretario, e Agostinho Franco deu as primeiras provas do seu criterio, da sua compreensão do valor dos estudos estatísticos e da sua prodigiosa actividade, organisando com ele o primeiro «Anuario estatístico das contribuições directas». E, d'ali por diante, nunca mais descansou no aperfeiçoamento do que estava feito e na elaboração de novos trabalhos subsidiarios do estudo solido da vida economica e social do nosso paiz. Compreende-se como durante tantos anos o nome de Agostinho Franco passasse desconhecido com o seu trabalho, no grande anonimato do emprego publico, e, por consequente, a admiração de muitos quando

do souberam que ele conquistára o seu logar de diretor geral da Estatistica pelo seu merecimento. Tambem, independentemente da sua vontade e dos seus esforços, deixaram atrazar algumas publicações, com grave prejuizo para os serviços que sobre elas se deviam basear. Mas, nomeado diretor geral em 27 de janeiro de 1911, o seu primeiro cuidado foi pôr tudo em dia. E que trabalho sobrehumano não empregou ele para o conseguir e dotar a estatistica officia! portugueza de novos elementos! Começou



1. Agostinho Franco no castelo dos Mouros, em Cintra, em abril de 1904—2. Agostinho Franco em 1880, a tocar violoncelo juntamente com os rs. José de Sousa Carneiro (1) Michel Angelo Lambertini (2) e Silva (4)

Era apenas sob esta feição que Lisboa conhecia Agostinho Franco; e, entretanto, não era a arte que lhe absorvia a vida; era o seu trabalho de repartição, cujas cancel-

pelo censo do paiz, que ele considerava a base de todas as estatísticas. Procedeu a uma rigorosa revisão dos elementos para esse fim coiligidos, completou-os com

muitos outros de inteira atualidade e, em um ano e oito mezes, publicou o censo relativo a 1 de dezembro de 1911, trabalho que costumava levar 8 a 10 anos, isto é, que aparecia quando já não podiam oferecer confiança os seus numeros!

Agostinho Franco, conscio de que o unico meio de reparar as finanças publicas é crear riqueza, procurava, no seu patriótico afan, coordenar em numeros verdadeiros, expressivos, eloquentes, o estado de todos os fatores d'essa riqueza, de fórma a valorisar ainda mais os que fossem suscetiveis d'isso e a evitar o esgotamento dos que tivessem tocado o seu limite de produtividade. D'ai, essa opulenta serie de trabalhos com o cunho indelevel do seu espirito creador, como o «Boletim Commercial e Marítimo», «A contribuição de registo», «A estatística agricola», «O anuario estatístico das contribuições directas», «Estatística do commercio e navegação», o Anuario Estatístico de Portugal e muitos outros trabalhos, não tendo alguns vindo á publicidade, porque foram expressamente feitos para os governos basearem sobre eles reformas de varios serviços.

A nossa repartição de estatística tornou-se um mo-

rosa justiça á obra de Agostinho Franco em largos artigos editoriais do *Hefaldo* de Madrid, e no *Economiste Européen*, mr. Edmond Thery, a primeira autoridade financeira de França, tambem d'ela se occupou não menos largamente. Mr. Thery teve occasião de visitar essa repartição e de conversar detidamente com o seu falecido diretor. Inquiriu miudamente de como eram feitos os trabalhos, quanto a rapidez e processos scientificos. Reconheceu que todos eram elaborados com perfeição e honestidade inexcitáveis. Portugal não tinha que invejar ás outras nações, que firmavam com confiança na estatística a remodelação de todos os seus serviços de fazenda e de fomento. Os novos trabalhos de estatística em Portugal eram de molde a garantir futuras reformas financeiras e administrativas de grande alcance.



Esta opinião de um homem, de reputação universal, como mr. Thery, é a maior consagração que podia ter a obra de Agostinho Franco, obra que é um honroso e perduravel monumento para a sua memoria querida, e oxalá que ela, encontre um continuador tão



1. Agostinho Franco em 1835

delo de organização e de funcionamento. O notavel publicista hespanhol Eduardo Navarro Salvador fez calo-

inteligente, ativo e honesto como foi o seu saudoso creador.



PASSO DE MARCHA

Portugal é um estudante
— Capa a fugir para o céu —
O Sol bate-lhe na frente...
E' moreno como eu!

Portuguezes, ide á guerra:
Peito firme, olhar leal...
Deixem lá as suas vidas,
Tragam vida a Portugal!

Sangue de heroes tinge a relva
Onde ha ramos de oliveira...
Sangue e relva... Portuguezes,
Já lá está nossa bandeira!

Tomem beijos mãe e noiva...
Se morrer é minha sorte,
Beijem-se ambos com meus beijos,
Que eu assim beijo-as na morte!

Poz-me o coração no peito
A minha amada... Obrigado!
Posso marchar para a guerra:
Eu já estou condecorado!

Não tenhas pena de mim
Que também corres perigo:
Sendo tu a minha viúva,
Se eu morrer, morres comigo.

ANTONIO FERRO.



A Europa em guerra

Promete eternisar-se este tremendo conflito, com a maior paralisção, de que ha memoria, para a vida interna e externa dos povos. O sistema de luta, que a Alemanha, ao sentir-se perdida, está empregando, pôde retardar a sua derrota total, o seu esmagamento, ainda de muitos mezes.

Como tupeiras, não fazem senão abrir trincheiras e fossos, onde se escondem, cobertos de ramadas, ou por detraz da penedia dos montes, tendo a arrogancia, com que as suas tropas aceitavam grandes batalhas campaes, degenerado n'um expediente furtivo de guerrilhas. De modo que, n'estes ultimos dias, na linha de batalha ao norte da França não ha consideraveis recontros a notar, e m o r a o s aliados continuam a obter sensiveis vantagens, repe-



lindo o inimigo, desalojando-o palmo a palmo dos seus redutos e dizimando-lhe as já rareadas fileiras, tendo ele perdido todas as probabilidades de avançar até Dunkerque, quanto mais até Calais.

As suas esquadras continuam tambem a evitar as dos aliados. Não ha esperança de, tão cedo, poder-se dar uma ação decisiva sobre o mar, o que importaria muito para abreviar o conflito.

O seu almirantado é o primeiro a vir apregoar as vantagens dos submarinos e a ameaçar com eles a Inglaterra, não se lembrando do que lhes succedeu em Dover e n'outros pontos. Temos, pois, em perspectiva por mar uma luta como em terra. Ao passo que as possantes unidades na-

Em Dixmude: Uma sentineia no seu posto, coberta de neve



O mercado de Aelsburgo na Prussia Oriental depois da occupação dos russos
(«Clichés» Charles Abenitcar)

vaes se deixam jazer ao abrigo de ilhas ou enfiadas em estreitos, vão-se empregar de preferencia os submarinos n'uma ação reduzida, que variadas circunstancias podem tornar inefficaz e que nunca poderá ser decisiva. No mesmo intuito de ameaçar e de aterrar apenas, a Alemanha está de novo dando parti-

granadas nos hospitaes, egrejas e monumentos; mas eles é que não d'sistem da sua obra de destruição e de extermínio, unica caracteristica da sua guerra. Por isso resolvem-se a fazer pelo ar, com bombas, o que já não fazem tanto com granadas em terra. O que eles querem é



Um aerostato que parte para explorações

cular desenvolvimento á construção de Taubes. A sua artilharia vae evidentemente fraquejando; vão sendo menos os registos dos destroços barbaros produzidos pelas suas

despedaçar mulheres, creanças e velhos indefezos e arrazar o que a arte tem erigido de mais sublime. E para isso todos os meios são bons. Os selvagens!...



Carros sanitarios belgas puchados por cães



Soldados belgas esperando o ataque alemão



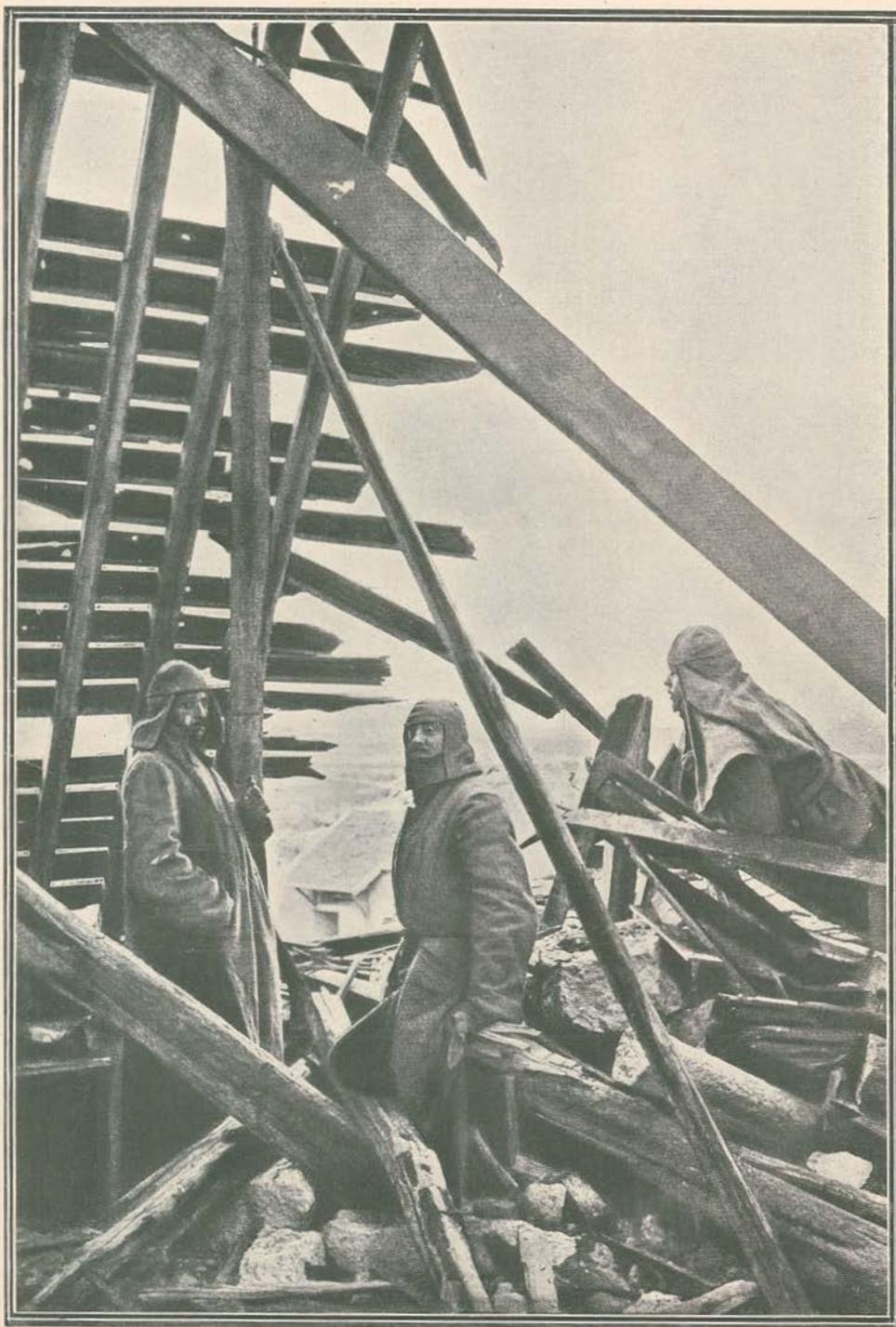
Tropas inglesas nas trincheiras dos arredores de Anvers.—(«Cliché» Chusseau-Flaviens).



1. Efeitos de uma granada alemã
2. Um correspondente de guerra dispensando socorros às mulheres e crianças.



3. O mercado da cidade Hohenstein depois da retirada dos russos



Um posto de observação dos aliados n'uma aldeia franceza



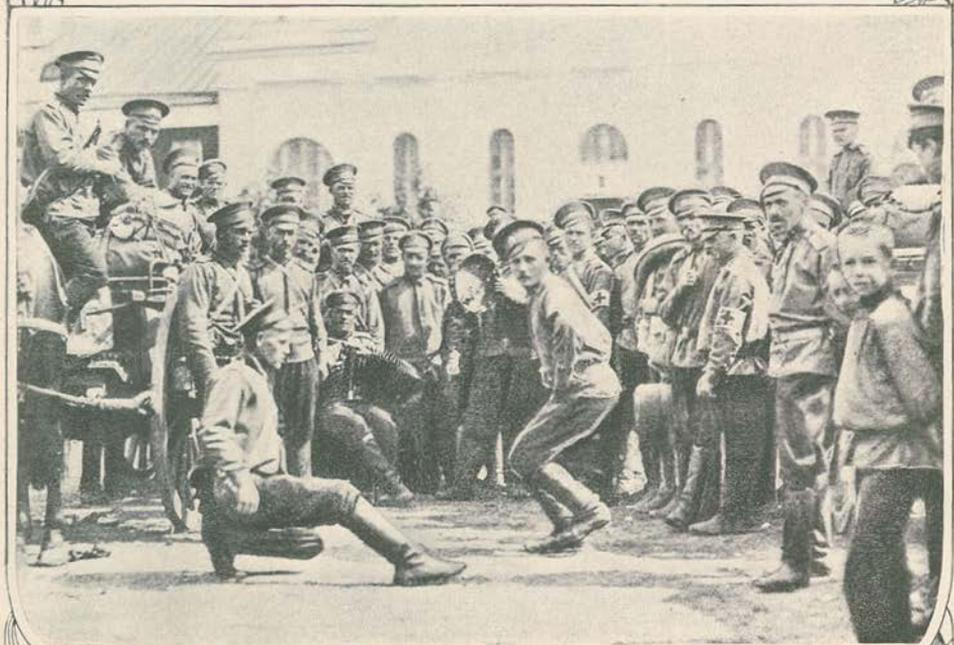
Na Prússia Oriental: Os alemães descansam n'uma vraca cercada de ruínas causadas pelos russos e que eles retomaram.—(«Cliché» M. Branget)



Um combate nos ares: Lançando uma bomba



Na Russia: O adeus antes da partida para a fronteira



Na Russia: Uma dança em sinal de alegria depois de uma boa notícia sobre a guerra



Os britânicos: Os ingleses atravessando um campo inundado para assaltarem uma trincheira alemã — (Do Illustrated London News).



Mortos e feridos aos montes !



Um destacamento russo em descanso



A engenharia franceza abrindo trincheiras.—(«Cliché» Chusseau-Flaviens).

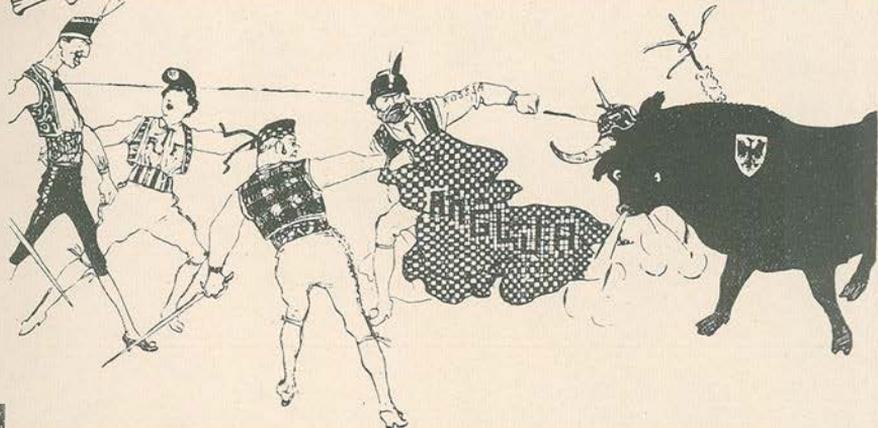


Soldados indígenas marchando nas ruas do Cairo com a música à frente



A guarda de honra do novo kediva

Os artistas e a guerra



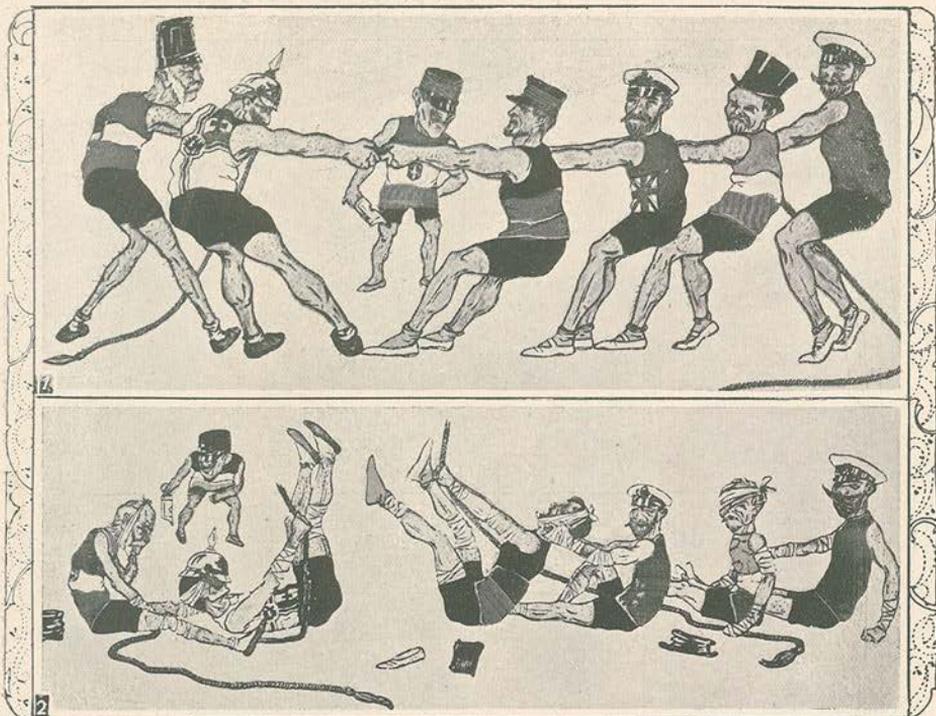
1
Combate com o furioso touro teutonico—A França, ao rei de Hespanha: Tu, que és do paiz dos toureiros, despacha-me com una estocada este grande bruto. Para que ha de ele sofrer por mais tempo? (Do Mucha).



2
Lembrança da guerra europea de 1914



3
Minerva —Nada, esse capacete não é para ti, é para o rei Alberto; para ti, manda-te Baccho o do bobo Triboulet que te ira melhor.—(Do Mucha).



1. Os aliados (Russia, França, Inglaterra e Bélgica) e o inimigo (Alemanha e Austria) esticando a corda, e a Itália a vel-os.
2. Depois da Itália cortar a corda.



JULIO CESAR: —Os asnos dos alemães! Se em vez de se ensoparem em cerveja, se ensopassem no que eu escrevi ha mil anos sobre os belgas, não se teriam afogado como ratos! —(Do Mucha).



Transporte de tropas indianas para a Europa: Os navios tomando carvão em Port-Said



Um padre montenegrino feito prisioneiro com as armas na mão.



Um soldado russo surpreendido por uma patrulha austriaca.



Um soldado russo de 13 anos feito prisioneiro na Polónia



Em Ypres: A que os canhões alemães deixaram reduzida a bela catedral gótica de S. Martinho



Exercito russo na Polonia: Uma missa campal



A igreja de Flandres transformada em caserna



Proclamação da guerra santa em Constantinopla, defronte do ministério da guerra

FIGURAS E FACTOS



Creanças brasileiras a quem foram distribuidos brinquedos na noite de Natal no Club Brasileiro

(«Clichê» Benoitel).



Os alunos da Escola Académica visitando as oficinas do Século e da Ilustração Portuguesa, acompanhados pelo sr. João Pereira Rosa, inspetor das mesmas oficinas.—(«Clichê» Benoitel).

TEATROS

“O Crime da Avenida 33”

no Teatro do Ginásio

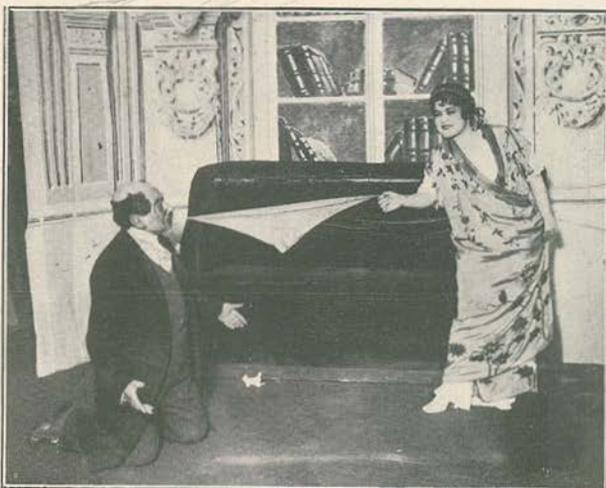
O *Crime da Avenida 33*, de Luiz Barreto e Bento Mantua, distingue-se, entre outros aspectos, das outras comédias policiais do meu conhecimento, em que a simpatia do público, finda a peça, vai, não para o gatuno, mas para o galante juiz, seu perseguidor. O sr. Mario Duarte foi, na verdade, o mais gentil Scarpia que se possa imaginar. No resto, *O Crime da Avenida 33* é conduzido, através de quatro atos movimentados, com todos os recursos técnicos do gênero. Sente-se a mão experimentada de dois autores habéis. O 3.º e 4.º atos são os melhores e este último ato pôde, sem favor, considerar-se interessante pela imaginação do desenlace e pela condução sobria e rápida da intriga.

O *trac* da cena final é bom. Por vezes, como na cena última do 3.º ato, as qualidades literárias dos autores denunciam-se e avultam. E é então que com duplo prazer se aplaude o talento e o nome dos escritores da *A Margem do Código* e da *Má Sina*.

“O Gavião (L'Épervier)” no Teatro

de S. Carlos

O talento de Francis de Croisset distingue-se, no moderno teatro francez, sobretudo, pelo côrte elegante dos seus processos. Um pouquinho cínica, sufficientemente romântica, audaciosa, feminina, a sua exuberante imaginação tem tocado todos os gêneros — desde a farça molieresca do *Paon* até á intriga policial do *Arsène Lupin* e á comédia sentimental do *Cœur disposé*, que, em breve, ouviremos no Teatro Nacional. *L'Épervier*, que Acacio de Paiva traduziu com o bri-



Uma cena do 2.º ato da «Rainha do animatografo»: Cremilda e José Ricardo

lho, a propriedade e o colorido da sua pena illustre de homem de letras, entre os que melhor o são, pertence a um gênero diverso. É um drama de consciencia, em que, por vezes, no autor se sente a influencia idealista do seu amigo Bataille e, outras vezes, o molde energico de Bernstein. Mas parece-nos *L'Épervier* a obra prima de Croisset, aquela em que o seu engenho de dramaturgo mais forte e vivamente se acentua. Eduardo Brazão tem n'esta obra uma criação que honra o seu glorioso passado.

“A Rainha do Cinematografo”

no Eden Teatro

Tudo o que os amadores do gênero possam desejar n'uma opereta moderna, desde a graça e sedução da musica ligeira até á malícia e alegria das situações — tudo existe fartamente n'esta *Rainha do Cinematografo*. É uma opereta feita com todos os temperos da especialidade, em que o prazer de rir se espalha ruidosamente por tres atos movimentados e coloridos. Justiça, porém, é dizer que as encenações d'este teatro estão sendo por tal forma brilhantes que difficil é que uma obra, assim artisticamente animada, deixe de conquistar e agradar. Não ha duvida. A *Rainha do Cinematografo* vive muito da leveza, da fantasia da musica e do engenho do libretto, mas — e n'isso vai um justo elogio — vive tambem, n'uma grande parte, do colorido d'uma interpretação muito feliz.

(«C. Ichês, Benolfe»)



Outra cena da «Rainha do animatografo»: Almeida Cruz e as orientaes

A CASA FONSECA & FONSECA



A fachada da CASA FONSECAS vendo-se á entrada os seus proprietários



Bernardino Rodrigues
Fonseca

No prédio n.ºs 4 e 5, do Rocio, acaba de reabrir, inteiramente transformada, a importante Casa Fonseca, que é agora uma das mais belas lojas de Lisboa, graças á sua luxuosa e elegante instalação.

Este estabelecimento recomenda-se não só pelo seu enorme sortido e por preços que desafiam a concorrência, mas também pelo bom gosto e delicadeza dos seus proprietários, os srs. Bernardino Rodrigues Fonseca e Virgílio da Fonseca, dois verdadeiros negociantes modernos, que sabem acompanhar o progresso.

Todas as pessoas que desejem vestir bem devem procurar a Casa Fonseca, no que dão provas de saberem procurar o que é bom.



Virgílio da Fon-
seca



O interior da loja FONSECA & FONSECA, vendo-se no medalhão o sr. Teófilo da Fonseca